



***A INVISIBILIDADE DA MÃE CIENTISTA: ARTICULANDO GÊNERO,  
MATERNIDADE, CIÊNCIA E TECNOLOGIAS***

***LA INVISIBILIDAD DE LA MADRE CIENTÍFICA: ARTICULANDO GÉNERO,  
MATERNIDAD, CIENCIA Y TECNOLOGÍAS***

***THE INVISIBILITY OF THE SCIENTIST MOTHER: ARTICULATING GENDER,  
MOTHERHOOD, SCIENCE, AND TECHNOLOGIE***

*Michele Marta Moraes Castro*<sup>1</sup>

*Tereza Fernandes*<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este artigo surge no contexto de um grupo de estudos livres, que investiga os feminismos plurais mediados por tecnologias digitais em rede, na universidade, na escola e com mulheres ciberfeministas. O objetivo é compreender a relação entre gênero, maternidade, ciência e tecnologias e refletir sobre as conquistas das mães pesquisadoras, como a inclusão da licença-maternidade no currículo Lattes, no contexto do projeto *Parent in Science*, para apoiar mães na ciência e na conquista dos seus direitos enquanto pesquisadoras. A metodologia se baseia na abordagem de pesquisa-formação na cibercultura, em que a docência não se separa da pesquisa, e considera os espaços de formação em sua multirreferencialidade. Os resultados destacam a necessidade de superar políticas públicas isoladas, enfatizando a urgência de transformar a estrutura androcêntrica em uma perspectiva feminista plural, para integrar maternidade e ciência como formas de existência social da mulher.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismos Plurais. Gênero. Maternidade. Currículo Lattes.

**RESUMEN**

---

<sup>1</sup> Mestrado em Educação. Doutoranda em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

<sup>2</sup> Pós-Doutorado em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

Este artículo surge en el contexto de un grupo de estudios libres que investiga los feminismos plurales mediados por tecnologías digitales en red, en la universidad, en la escuela y con mujeres ciberfeministas. El objetivo es comprender la relación entre género, maternidad, ciencia y tecnologías, analizando cómo las narrativas históricas han despojado a las mujeres de su lugar social. Reflexiona sobre perspectivas emancipatorias para las madres investigadoras, como la licencia de maternidad en el currículo Lattes, en el contexto del proyecto Parent in Science. La metodología se basa en el enfoque de investigación-formación en la cibercultura, pues la docencia no se separa de la investigación y considera los espacios de formación en su multirreferencialidad. Los resultados destacan la necesidad de superar políticas públicas aisladas, enfatizando la urgencia de transformar la estructura androcéntrica hacia una perspectiva feminista plural, para integrar maternidad y ciencia como formas de existencia social de la mujer.

**PALABRAS-CLAVE:** Feminismos Plurales. Género. Maternidad. Currículo Lattes.

### **ABSTRACT**

This article emerges from the context of a free study group that investigates plural feminisms mediated by digital networked Technologies, at the university, in schools, and with cyberfeminist women. The goal is to understand the relationship between gender, motherhood, science, and technologies by analyzing how historical narratives have displaced women from their social roles. The aim is to explore emancipatory perspectives for mother-researchers, such as maternity leave in the Lattes curriculum, within the context of the Parent in Science project. The methodology is based on a research-formation approach within cyberculture, where teaching is not separated from research, and individuals are simultaneously educators and researchers, considering training spaces in their multireferentiality. The results highlight the need to overcome isolated public policies, emphasizing the urgency of transforming the androcentric structure into a plural feminist perspective, to integrate motherhood and science as forms of women's social existence.

**KEYWORDS:** Plural Feminisms. Gender. Motherhood. Lattes Curriculum.

\*\*\*

### **Considerações Iniciais**

Abordar a interseccionalidade de gênero, maternidade e carreiras científicas, especialmente no contexto de mães-pesquisadoras, exige uma postura desobediente e libertária diante das normas vigentes que ainda marginalizam as experiências femininas no campo da ciência. As práticas que desafiam as convenções de gênero e as estruturas de poder são necessárias para a promoção de justiça social e equidade. Nesse sentido, este estudo se insere em um movimento que busca visibilizar e questionar as barreiras impostas pela dominação masculina, explorando como as mães-pesquisadoras, inseridas

em ambientes acadêmicos, resistem e subvertem os obstáculos atrelados à maternidade em suas trajetórias científicas.

O presente artigo nasce da colaboração no Grupo de Estudos Livres Quintas Ciberfeministas, iniciado em 2022, sobre feminismos plurais, mediado por tecnologias digitais, que tem como objetivo investigar as interseccionalidades de gênero, raça e classe nas práticas sociais contemporâneas de mulheres. Ao focar nas experiências das mães-pesquisadoras, este estudo busca evidenciar como suas vivências, conquistas e resistências se conectam com os debates atuais sobre ciência, tecnologia e maternidade, ecoando como propostas libertárias e desobedientes.

O grupo de estudos atua em desenvolvimento de estudos teóricos com estudantes de pós-graduação envolvidas em pesquisas afins, visando compreender as relações entre gênero, raça e classe/renda como sistemas interseccionais que estruturam a nossa sociedade (Kimberlé Crenshaw<sup>3</sup>, 2002), com profundos impactos na vida das mulheres.

Além de contribuir com a pesquisa acadêmica das participantes, a intenção é que os estudos possam forjar práticas curriculares e de formação de professoras da educação básica. Nesse sentido, o grupo desempenha um papel na promoção do debate em torno de questões sociais, econômicas, culturais e políticas com ressonâncias no empoderamento coletivo de mulheres.

A denominação “Quintas Ciberfeministas” se dá devido aos encontros, majoritariamente on-line, mediados por tecnologias digitais em rede, ocorrerem às quintas-feiras, em uma periodicidade quinzenal e “Ciberfeministas”, por ter como preocupação os estudos dos feminismos contemporâneos de quarta onda, cujos interesses são o ciberespaço, a internet e as tecnologias digitais em rede, isto é, mulheres, pesquisadoras, mães que estudam, pesquisam e exercem os seus ativismos na internet, como um híbrido de máquinas e organismos (Donna Haraway; Hari Kunzru, 2009).

O grupo de estudos é um desdobramento do projeto de pesquisa “Processos formativos, práticas sociais e ciberfeministas em contextos plurais: multiletramentos

---

<sup>3</sup> A Revista tem como prática a inclusão, na primeira entrada de citação ou paráfrase de cada autor/a, o prenome completo.

críticos e implicações para a educação”<sup>4</sup>, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), por meio do qual se desenvolvem Seminários Temáticos, como “Ciberfeminismos plurais e multiletramentos críticos em tempos de pandemia”<sup>5</sup>, e ações de extensão, como o curso “(Ciber)ativismos e lugares de existência social: vozes plurais no combate à violência contra a mulher”<sup>6</sup> e o curso “Educação, Literatura, Tecnologia e Arte: Interseccionalizando Gênero, Raça e Classe”, os quais são dispositivos de pesquisa-formação de estudos de mestrado e doutorado.

A cada encontro do grupo, uma mediadora debate sobre um tema dos feminismos plurais, no formato de rodas de conversa. Este artigo discute o recorte de um dos temas debatidos que é a “A invisibilidade da mãe cientista: articulando debates das Quintas Ciberfeministas e das tecnologias digitais”, mediado pela primeira autora deste artigo, mãe-pesquisadora, mestra em educação e doutoranda em educação. Apesar de os encontros serem majoritariamente on-line, esse se deu em formato presencial e, a partir dele, surgiu a motivação deste estudo. E por se tratar de um tema debatido no projeto nacional *Parent in Science*, com atuações nas redes sociais, sites, lives e em outras ações com tecnologias digitais, este foi selecionado para dialogar com a nossa experiência.

A literatura sobre maternidade e ciência aponta que mulheres na ciência enfrentam desafios únicos relacionados à maternidade, incluindo a "penalidade maternal", que dificulta a progressão na carreira (Faye J. Crosby *et al.*, 2004). Esse termo, amplamente utilizado para descrever o impacto das responsabilidades maternas na trajetória profissional, que em diálogo com as discussões deste artigo, refere-se às barreiras enfrentadas por mulheres que tentam equilibrar as demandas da maternidade com as expectativas de desempenho acadêmico envolvendo estudos, pesquisas e produções de resultados para publicações conforme exigências de avaliação da pós-graduação.

Estudos como os de Joan Williams (2004) indicam que a “penalidade maternal” se manifesta em aspectos como menor produtividade científica, exclusão de redes de

---

<sup>4</sup> Projeto de pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), homologado em 27 abr. 2021, coordenado pela segunda autora deste artigo, no âmbito da Pós-graduação em Educação (PPGE), via Pró-reitoria de Pesquisa (PROPEq/UFMT), período de 2021 a 2023, registrado sob o número 160/2021.

<sup>5</sup> Evento coordenado pela segunda autora deste artigo, no grupo de pesquisa Laboratório de Estudos sobre Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação (LêTECE) do PPGE/UFMT.

<sup>6</sup> Oferecido para as estudantes do curso de Pedagogia EaD/UFMT e Comunidade Externa, entre os dias 20 de dezembro de 2021 e 20 de fevereiro de 2022, contando com a participação de mestrandas e doutorandas no apoio técnico e elaboração de materiais audiovisuais.

colaboração e acesso limitado a oportunidades de financiamento e promoção. Além disso, a percepção de menor comprometimento devido às responsabilidades familiares contribui para reforçar estereótipos de gênero que marginalizam mães na ciência.

Outras pesquisas indicam que a maternidade frequentemente resulta em interrupções significativas nas atividades acadêmicas, menor taxa de publicação (Ana Júlia Torres, 2024), além de uma maior dificuldade em acessar financiamentos.

Além disso, a literatura sobre maternidade e ciência começa a explorar questões mais amplas, relacionadas ao papel das tecnologias nesse cenário. Por exemplo, artefatos digitais podem tanto intensificar o trabalho das mães cientistas, por meio de cobranças constantes, quanto oferecer soluções, como a flexibilidade proporcionada pelo trabalho remoto (Bárbara Castro; Mariana Chaguri, 2020).

No entanto, apesar dessas discussões, ainda existem lacunas significativas na literatura. Nesse sentido, o presente artigo se insere nesse panorama, ao articular os eixos de gênero, maternidade, ciência e tecnologias para ampliar compreensões e contribuir para visibilizar as dificuldades enfrentadas por mães na academia, propondo uma reflexão crítica sobre as políticas de apoio existentes. Ao articular gênero, maternidade, ciência e tecnologias, pretendemos destacar as barreiras impostas pela dominação masculina, mas também sugerir caminhos emancipatórios que promovam a inclusão e o reconhecimento das mães-pesquisadoras em suas trajetórias acadêmicas.

Para a materialização do estudo, neste artigo-organizamos sete seções, sendo esta a primeira. Na segunda, apresentamos o percurso metodológico trilhado; na terceira, discutimos gênero, maternidade, ciência, tecnologias e imaginário social: narrativa ancestral de legitimação da dominação masculina; na quarta, trazemos a *hashtag* #MaternidadeNoLattes<sup>7</sup>, na qual debatemos sobre a maternidade, articulando-a com a vida acadêmica da mãe-pesquisadora, assim como a conquista da inclusão da licença-maternidade na plataforma de currículo Lattes; na quinta, discutimos noções mobilizadoras de debate no encontro das Quintas Ciberfeministas; na sexta, apresentamos e refletimos sobre produções artísticas e culturais autorais das participantes para as redes sociais; e, na sétima, tecemos as considerações finais.

---

<sup>7</sup> À luz de Santos (2019, p. 192), *hashtag* é o “código utilizado pelo usuário para destacar um tema ou evento específico. Esse código ajuda a catalisar a discussão específica, proporcionando mais interatividade e síntese de discussões coletivas [...]”. Nesse sentido, as redes sociais se valem de *hashtags* para criar um indexador e facilitar a busca por um determinado tema. Esses códigos são práticas sociais que compõem a cibercultura.

## Percurso Metodológico

O estudo tem como objetivo compreender a relação entre gênero, maternidade, ciência e tecnologias e refletir sobre as conquistas das mães pesquisadoras, como a inclusão da licença-maternidade no currículo Lattes, no contexto do projeto *Parent in Science*, para apoiar mães na ciência e na conquista dos seus direitos enquanto pesquisadoras. O debate acerca do tema surgiu a partir de um encontro do grupo Quintas Ciberfeministas que uniu dados do projeto *Parent in Science*, pesquisas sobre ciência, gênero, maternidade e tecnologias, para aprofundar a pesquisa e a escrita.

Os estudos realizados nas Quintas Ciberfeministas, de forma mais ampla, tiveram inspiração na metodologia de Pesquisa-formação (Edméa Santos, 2019), ao proporcionar um espaço de discussão e reflexão em que as participantes se formam e formam as outras. Essa abordagem integra elementos da pesquisa e da formação, permitindo que as participantes discutam questões pertinentes—e, construam conhecimentos coletivamente e desenvolvam novas perspectivas para suas formações.

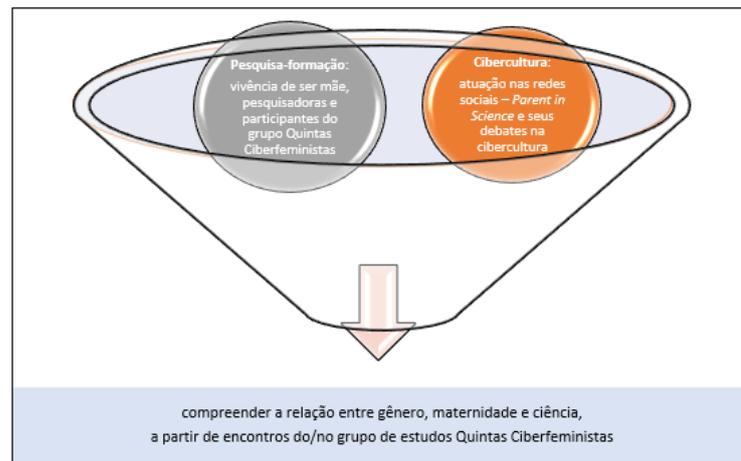
Na pesquisa-formação na cibercultura (Santos, 2019), o potencial formativo está na bricolagem de referenciais teóricos, práticas e artefatos tecnológicos que “se materializam em interface com as práticas formativas presenciais e no ciberespaço mediadas por tecnologias digitais em rede” (Santos, 2019, p. 19).

A cibercultura transformou o modo como as pessoas se comunicam, criam relações pessoais e demarcam grupos, assim sendo, toda produção cultural e fenômenos sociotécnicos que emergiram da relação entre seres humanos e objetos técnicos digitalizados em conexão com a internet, rede mundial de computadores, caracterizam e dão forma à cultura contemporânea como cibercultura. Essa noção tem sido cada vez mais discutida como a cultura do ciberespaço e do espaço físico imbricados (Santos, 2019, p. 25).

Nessa abordagem metodológica, a pesquisa e a formação se entrelaçam, promovendo um diálogo constante entre teoria e prática. Ela permite que as participantes do estudo, vinte pesquisadoras, mães, estudantes de mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, egressas e da comunidade externa, compartilhem suas experiências e perspectivas,

contribuindo para a construção de um conhecimento mais inclusivo e sensível às questões que permeiam a maternidade na carreira acadêmica. Ao mesmo tempo, a pesquisa-formação oferece um espaço de formação, no qual as participantes podem refletir sobre suas próprias práticas e desafios, compartilhando estratégias e aprendendo umas com as outras.

**FIGURA 1:** Relação da pesquisa-formação na cibercultura no contexto da maternidade e da ciência



**Fonte:** Elaborada pelas autoras com base em Santos (2019).

A produção de dados foi realizada em contexto, ou seja, conforme os encontros foram acontecendo, os registros foram sendo feitos, por meio de anotações detalhadas, que capturaram as falas, reflexões, sentimentos e sentidos expressos pelas participantes, bem como, por meio de fotografias e vídeos. Além disso, foram produzidos materiais pelas participantes, como textos, relatos e produções artísticas e literárias. Dessas produções, duas foram selecionadas e analisadas neste artigo.

A análise foi realizada a partir das temáticas que emergiram dos dados produzidos pelas participantes. Os registros em forma de textos, imagens e sons foram organizados e revisados, permitindo a identificação de temas recorrentes, como a invisibilidade da maternidade na academia, as barreiras enfrentadas pelas mães-pesquisadoras, as estratégias de resistência e o apoio mútuo.

O diálogo teórico com os dados produzidos pelas participantes foi fundamentado nos estudos realizados ao longo dos encontros, com ênfase nas contribuições de autoras como Butler (2008), hooks (2000), Haraway (1985), Ribeiro (2020), Piedade (2027), Hollanda (2028), Crenshaw (2002), dentre outras, que discutem noções e conceitos

importantes para estabelecermos as interseções entre gênero, maternidade, ciência e tecnologias, no contexto mais amplo dos ciberfeminismos plurais.

Além disso, a *hashtag* #MaternidadeNoLattes e o projeto "Parent in Science" foram utilizados como referências para discutir a visibilidade das mães na ciência e as políticas de apoio necessárias para promover a igualdade de gênero no ambiente acadêmico.

### **Gênero, Maternidade, Ciência, Tecnologias e Imaginário Social: narrativa ancestral de legitimação da dominação masculina**

No estudo, dialogamos com o projeto *Parent in Science* e a *hashtag* #MaternidadeNoLattes, amplamente compartilhada nas redes sociais, e a dissertação de mestrado “Maternidade no Currículo Lattes: textualidades sobre gênero, carreira acadêmica e científica no Brasil e a emergência do projeto *Parent in Science*” (Alessandra Ribeiro, 2020), para debater temas sobre gênero e os imaginários sociais, ressaltando os conflitos entre a maternidade e a carreira acadêmica, movimento que se expandiu com uso das tecnologias digitais.

Simone de Beauvoir, na obra “O segundo sexo” (1980), examina teses relativas à maternidade e como as construções históricas prejudicaram, e ainda prejudicam, a plena maternidade, colocando a mulher como o segundo sexo, o que impactou a imagem da mulher, por meio de um imaginário e de uma narrativa ancestral passada de geração em geração, que anulou mulheres ao longo do tempo. Nessa narrativa, a mulher é entendida como um “não homem”, por isso, “o segundo sexo”, as mulheres construíram a sua existência não somente a partir delas, mas a partir do que lhe foi dado, do que foi dito, do que lhe foi atribuído socialmente.

Para Simone de Beauvoir (1980), não é a condição biológica que a fará mulher, e sim os processos, o caminhar, suas vivências. Nesse sentido, ser mulher não é determinado pela condição biológica, e sim pela existência, por isso a frase que contesta o determinismo biológico: “não se nasce mulher: torna-se” (Beauvoir, 1980, p. 185). Para a autora, a hegemonia de um sexo sobre o outro é explicada pela esfera social, e não biologicamente, e, isso explica também, o motivo pelo qual, historicamente, as mulheres estiveram e estão em condição de inferioridade em relação aos homens.

Na maternidade, a opressão é perpetuada pela visão restrita de que ela é uma condição exclusivamente biológica, e não uma construção social. O fato de a mulher

gestar e parir, que são eventos biológicos, seguido do cuidado com as crianças, tem historicamente condenado a mulher a uma essência imposta, vinculada a essas funções. Essa visão, que limita a mulher ao espaço doméstico e à esfera familiar, reforça a dominação masculina, ao reduzir a maternidade a uma obrigação natural e inevitável, invisibilizando o caráter social e político dessa experiência. Assim, a condição biológica é utilizada como justificativa para subordinar o feminino ao masculino.

Com base nesta evidência, a crítica feminista considerava a experiência da maternidade como um elemento-chave para explicar a dominação de um sexo sobre outro: o lugar das mulheres na reprodução biológica – gestação, parto, amamentação e consequentes cuidados com as crianças – determinava a ausência das mulheres no espaço público, confinando-as ao espaço privado e à dominação masculina (Lucila Scavone, 2001, p. 138).

Dessa forma, a mulher não se constitui como sujeito. A história pode se transformar, mas a função da mulher permanece a mesma, isto é, mesmo trabalhando fora de casa, os serviços domésticos permanecem, majoritariamente, sob a responsabilidade da mulher.

Essa dinâmica resulta em uma forma de opressão. Considerando a análise de bell hooks (2015), que define opressão como a ausência de opções, a mãe se encontra oprimida sob o viés de gênero quando suas escolhas são limitadas pelas expectativas sociais impostas à maternidade. Nesse sentido, conforme argumenta Carolina Antoniazzi (2021), a maternidade pode ser compreendida como uma forma de opressão, já que as estruturas sociais de gênero moldam a experiência materna de maneira a relegar o trabalho de cuidado à esfera privada. Esse trabalho, invisibilizado e não remunerado, contribui para a marginalização das mulheres, reforçando a divisão sexual do trabalho e limitando suas possibilidades de atuação no espaço público e profissional.

Ao nos debruçarmos nas considerações de Elisabeth Badinter (2011) sobre as transformações da maternidade e suas ambivalências, podemos traçar uma relação direta com o tema da invisibilidade da mulher cientista, especialmente quando analisamos o conflito entre os desejos individuais da mulher e os deveres impostos pela maternidade. Badinter (2011) destaca as tensões entre o papel de mãe e as aspirações de autonomia e liberdade feminina, um dilema vivido de forma aguda pelas mulheres que conciliam a carreira acadêmica com a maternidade.

No contexto científico, a mulher mãe frequentemente enfrenta um desafio semelhante ao que Badinter (2011) aponta, onde o modelo de dedicação total ao trabalho colide com as demandas do cuidado com os filhos. Esse choque pode resultar na invisibilização das contribuições das mulheres na ciência, uma vez que a estrutura acadêmica, muitas vezes androcêntrica, não reconhece plenamente as dificuldades e obstáculos que elas enfrentam para equilibrar essas duas esferas da vida. A exigência de produtividade acadêmica, que valoriza a pesquisa intensa e o tempo dedicado exclusivamente à carreira, desconsidera a realidade de mães cientistas, tornando seus esforços invisíveis ou subvalorizados.

Integrando a perspectiva de Judith Butler (2008), que explora a performatividade de gênero e como as identidades de gênero são construídas socialmente, podemos entender como as normas culturais e sociais reforçam as expectativas sobre as mulheres. Butler (2008) argumenta que as identidades de gênero não são intrínsecas, mas são construídas por práticas sociais reiterativas. Esse entendimento permite perceber como as normas que impõem a dedicação total ao trabalho acadêmico e reforçam a responsabilidade das mulheres pelo cuidado doméstico, contribuem para a marginalização e invisibilização das mães cientistas. A integração dessas perspectivas teóricas revela a complexidade da opressão enfrentada pelas mães no campo científico e destaca a necessidade de reconhecer e valorizar suas contribuições de forma mais equitativa.

### ***Hashtag #MaternidadeNoLattes***

Quando a mulher se torna mãe, estando na carreira acadêmica, pode haver: 1) baixa na produtividade em participações em seminários, congressos e eventos, em geral; 2) repercussão em trancamento de matrícula; 3) evasão; 4) impacto no currículo Lattes; 5) redução significativa da produção acadêmica (Ribeiro, 2020).

O currículo Lattes transcende sua função como uma simples plataforma de armazenamento de dados acadêmicos e profissionais. Ele encapsula sofrimento, dor e as histórias de pessoas, especialmente aquelas que, como as mães-pesquisadoras, enfrentam a sobrecarga de produzir publicações, participar de eventos acadêmicos e, simultaneamente, atender às exigências dos baremas de avaliação. O Lattes visibiliza a invisibilizada, neste caso, a mãe-pesquisadora.

Cada inserção de dado dentro no Lattes (participação em eventos, organização de seminários, palestra, artigo publicado em revista Qualis etc.); gera uma informação (qualidade dos artigos, área de estudo, quantidade de publicações etc.), e o conjunto dessa informação apoia uma tomada de decisão (avaliação para ingresso em mestrado ou doutorado, entrevista de emprego, avaliação para recebimento de bolsas de estudos etc.).

Durante uma avaliação para bolsa de estudos, por exemplo, a comissão de avaliação decidirá pelo currículo com maior produtividade. Nesse sentido, uma mãe-pesquisadora que teve filha/o recentemente terá uma baixa na produção e, para ficar em estado de paridade com outros/as concorrentes, é preciso um elemento que indique o motivo dessa pausa ou baixa na produção de artigos e outras produções em relação a outros/as candidatos/as à vaga.

Nesse sentido, o projeto *Parent in Science* levou o pedido ao CNPq<sup>8</sup>, para inclusão do campo “Licença-maternidade” na Plataforma Lattes (Instituto Aggeu Magalhães, 2021). Essa foi uma luta engendrada nas redes sociais e mostra os desafios da mãe-pesquisadora que, nesse período, precisa contar com a flexibilidade na avaliação da sua produtividade.

O projeto *Parent in Science* tem como objetivo apoiar mulheres no desafio de conciliar a vida materna e a vida acadêmica, com estudos e artigos sobre o impacto da maternidade na memória acadêmica das mães, o que impulsiona a busca por políticas de apoio à participação das mães na ciência.

A *hashtag* #MaternidadeNoLattes foi um dos movimentos que impulsionou o CNPq a conceder esta inclusão. Este movimento aconteceu nas redes sociais, em que a *hashtag* é caracterizada como uma linguagem da cibercultura que favorece a ampliação e o alcance da rede social. Essa inclusão se caracterizou como um pedido de equidade para pesquisadoras mães que tiveram filhas/os no período em que precisavam produzir ou ir a campo fazer pesquisas.

Espera-se que as agências de fomento e as instituições responsáveis pelos processos de avaliação em geral possam reconhecer que a produção acadêmica da mãe-pesquisadora é impactada devido à licença-maternidade. Dessa forma, almeja-se

---

<sup>8</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico é uma entidade ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações para incentivo à pesquisa no Brasil.

transmitir a mensagem de que ela não deve ser prejudicada e deve competir em igualdade de condições com os demais concorrentes.

É possível observar que o movimento *Parent in Science* cresce na sequência da aprovação da Lei 13.536, em 15 de dezembro de 2017, que oficializou o direito à licença-maternidade para bolsistas de pesquisa no Brasil. A Lei permite a interrupção das atividades acadêmicas em razão de parto ou adoção por até 120 dias, sem a suspensão do pagamento das bolsas, e torna obrigatória a prorrogação do benefício pelo mesmo período. A medida já vinha sendo adotada, desde 2010, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em resposta a uma demanda da Associação Nacional de Pós-Graduandos [...] (Ribeiro, 2020, p. 20).

O movimento *Parent in Science* ainda solicita que o prazo de 12 meses seja expandido, porque o impacto da maternidade não acontece por apenas um ano após o nascimento da/o filha/o, considerando as diversas demandas, como a amamentação, o cansaço, o puerpério, os cuidados, as idas a consultas pediátricas, a organização da rotina diária, além das trocas de fralda, alimentação, banho, idas ao mercado etc.

Outra vitória a ser destacada foi a divulgação de um edital pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 2023), do Rio de Janeiro, com condições especiais para as mães em licença-maternidade. Esse mecanismo inédito da UFF teve como intuito equilibrar a concorrência de homens e mulheres na disputa por bolsas de iniciação científica e de ingresso a cursos de pós-graduação. As professoras que tiveram filhos nos últimos dois anos tiveram um acréscimo de cinco pontos – caso não tivessem a pontuação máxima – para compensar o tempo de licença-maternidade, que foi sem produção acadêmica, um dos critérios para a escolha dos bolsistas (Luciane Evans, 2020).

Conquistas significativas podem ser alcançadas, como a disponibilidade de espaços para creche nas universidades, assim como áreas adequadas para amamentação. Essas iniciativas se configuram como projetos emancipatórios, promovendo a igualdade de oportunidades e o acolhimento de mães-pesquisadoras em diversos contextos acadêmicos.

### **Noções Mobilizadoras de Debate nas Quintas Ciberfeministas**

O movimento feminista transformou a sociedade, principalmente na busca pela liberdade da mulher, contra as opressões sofridas pelo sistema patriarcal, desde a

primeira onda feminista, tratando temas como aborto, incesto, violência, relacionamentos tóxicos, pedofilia, dentre outras pautas urgentes. Heloísa Hollanda (2018) traça um destaque especial à explosão feminista da quarta onda, que se caracteriza como novas formas de ativismos através da força de vozes nas ruas, nas redes e nas artes, materializando uma nova geração política de ativismo dos feminismos da diferença.

A autora ressalta a importância de reconhecer a pluralidade quando falamos em mulher, porque o patriarcado não é universal, ele oprime nas segregações, que atingem corpos, territórios e histórias de maneiras distintas. Por isso, se torna urgente pensarmos em feminismos plurais, justificando, assim, a urgência dos feminismos da diferença, como o negro, indígena, asiático, lésbico e outros. Essa afirmação coaduna com declarações de Vilma Piedade (Helô D'Angelo, 2017), ao enfatizar que o feminismo é uma luta de todas as mulheres “pretas, brancas, quilombolas, caiçaras, ribeirinhas, indígenas, lésbicas, trans ou qualquer uma das infinitas classificações possíveis em que as mulheres se enquadrem” (D'Angelo, 2017). Nesse cenário, a mulher mãe-pesquisadora também ocupa um espaço no plural. Ela carrega nos braços a criança e nas mãos os livros, enquanto equilibra os sonhos de transformar o mundo com o desejo de cuidar sua criança, mas, também de pesquisar, ampliar seu repertório acadêmico e cultural, ocupar o seu lugar nas lutas feministas e suas interseccionalidades no encontro com a ciência. Para isso, a sua voz precisa ser ouvida, como parte essencial desse coro diverso e coletivo que ecoa a pluralidade de ser mulher.

A temática “A invisibilidade da mãe cientista”, debatida por mulheres, pesquisadoras e mães, em uma roda de conversa, abordou a decisão de mulheres em continuar seus estudos após a maternidade, reconhecendo seu potencial para construir conhecimentos junto às futuras gerações, melhorar suas carreiras e fortalecer o protagonismo feminino. Foi também possível apontar a insuficiência das políticas públicas, sendo necessária uma transformação na estrutura androcêntrica, para uma perspectiva mais coletiva.

A maternidade compromete a carreira das mulheres e as separa socialmente, deixando-as em situação de vulnerabilidade e inferioridade.—Segundo diversas publicações no site do projeto *Parent in Science*: 1) mães pesquisadoras enfrentam mais dificuldades para viajar para eventos acadêmicos; 2) algumas mulheres trancam o curso quando se tornam mães; 3) a carreira acadêmica está condicionada a produções

registradas no currículo Lattes; 4) a maternidade inibe a produção da mãe em relação aos homens; 5) a maioria dos homens não interrompem as atividades acadêmicas quando se tornam pais; 6) a mãe é julgada ao viajar para evento acadêmico sem a filha ou o filho; 7) o número de homens que abandonam a família é maior quando comparado às mulheres; 8) mães sem rede de apoio dificilmente continuarão os estudos.

Depreendemos, portanto, que a mulher não exerce a maternidade de forma plena pelo estrago perverso que o imaginário do que é ser mãe foi imputando às práticas construídas ao longo dos tempos.

Durante os encontros, em rodas de conversa e troca de experiências as participantes discutiram os desafios enfrentados na academia e as estratégias de resistência e apoio mútuo. Essa dinâmica reflete as ideias de Butler (2008) sobre a performatividade de gênero, na qual as identidades são constantemente construídas e reconstruídas nas interações sociais. Além disso, a ênfase na solidariedade e na dor compartilhada entre as participantes ecoa as reflexões de Piedade (2017) sobre a importância da comunidade na luta contra a opressão.

### **Produções artísticas e culturais autorais das participantes para as redes sociais**

Durante os encontros do grupo Quintas Ciberfeministas, a dinâmica não se restringe apenas aos debates teóricos sobre feminismos plurais e suas implicações na vida contemporânea das mulheres. Inspiradas pelo conceito de pesquisa-formação de Santos (2019), as mediadoras e participantes também se envolvem em produções culturais e artísticas, que são desenvolvidas enquanto discutem os temas propostos. Essas criações autorais, além de serem uma forma de expressão coletiva e individual, têm como objetivo dar visibilidade ao debate nas redes sociais.

Como resultado dessa interação, compartilhamos duas produções oriundas do referido encontro do grupo: 1) um poema escrito por uma das participantes, especialmente para o debate daquele dia; e 2) um desenho da jovem artista Manoela Moraes Vasconcelos, realizado quando ela tinha 10 anos de idade. Ambas as obras refletem o espírito criativo e colaborativo que permeia os encontros, reforçando a importância das artes como meio de discussão e ampliação do debate feminista nas plataformas digitais.

A primeira produção artística, poema, é uma forma de arte que transcende a simples comunicação verbal e cria uma experiência estética para o/a leitor/a. Nesse sentido, escolher um poema como expressão artística que fala sobre/com a vida de mulheres plurais, coaduna com Heloísa Hollanda (2018), quando traça um destaque especial à explosão feminista da quarta onda, com novas formas de ativismos através da força de vozes nas ruas, nas redes e nas artes, materializando uma geração política de ativismos dos feminismos da diferença.

### **Vidas Mulheres**

Mulheres  
Mães  
Acadêmicas  
Cientistas  
Ser-eu-outras

Existências  
Resiliências  
Buscas  
Resistências  
Ser-eu-muitas

Atravessamentos  
Linhas abissais  
Lutas  
Insurgências  
Ser-eu-plurais  
(Tereza Fernandes, 2022).

O poema "Vidas Mulheres" é uma reflexão sobre as múltiplas facetas da mulher contemporânea, suas lutas e resistências. O poema destaca a presença de mulheres em diversos papéis na sociedade: mães, acadêmicas, cientistas e outras.

A primeira estrofe se refere à percepção da outra como aliada, isto é, como alguém que eu reconheço e que me reconhece, e enumera alguns dos papéis que as mulheres podem desempenhar na sociedade, indicando que elas são capazes de transitar entre diferentes esferas e identidades, sendo "ser-eu-outras". Ademais, o "ser-eu-outras" se refere à empatia entre mulheres, mães, acadêmicas e cientistas, que vivenciam o mesmo caminhar permeado por desafios e possibilidades.

"Ser-eu-muitas" reforça o texto que precede a frase da segunda estrofe, são inúmeras batalhas que atravessamos, seja pela busca de nós mesmas, seja pelas lutas, resistências das nossas marchas, tudo isso fazendo parte do existir que não deveria ser

doloroso. Indica que as mulheres são seres multifacetados, plurais, capazes de buscar novas experiências e enfrentar desafios.

Para além dos feminismos plurais, onde o patriarcado age nas diversidades do ser mulher, “ser-eu-plurais” evidencia uma mulher múltipla, são várias dentro de nós mesmas, algumas em fossas abissais, em diversos atravessamentos, mas sempre em uma aposta de insurgências e novas lutas. As lutas e resistências enfrentadas pelas mulheres ao longo da história, sendo "atravessamentos" que separam e conectam, "linhas abissais" que dividem e confrontam as lutas travadas pelos direitos ao seu espaço na sociedade, como cientistas e acadêmicas, que enfrentam barreiras como a desigualdade de gênero e as opressões do patriarcado.

Essas reflexões estão em consonância com as ideias de Crenshaw (2002) sobre interseccionalidade, que nos ajudam a entender como as diferentes identidades das mulheres se entrelaçam e impactam suas experiências de vida. Além disso, a ideia de empatia e solidariedade entre mulheres, expressa no "ser-eu-outras", ecoa as discussões de bell hooks (2015) sobre a importância da comunidade na luta feminista, em que a dor compartilhada se transforma em força coletiva. Assim, o poema celebra a pluralidade das experiências femininas e se torna um chamado à ação, mobilizando as mulheres a se unirem em suas lutas por equidade e reconhecimento no espaço acadêmico e além.

Com relação à segunda mostra de produção artística, escolhemos a ilustração abaixo, da artista Manoela Moraes Vasconcelos, aos 10 anos, feita exclusivamente para a mediadora do encontro.

**FIGURA 2:** atravessamentos da maternidade na ciência



**Fonte:** desenho feito à mão pela artista Manoela Moraes Vasconcelos, aos 10 anos, com lápis HB sob papel sulfite.

A imagem evoca a representatividade feminina na ciência e o papel da maternidade na academia. A obra de arte retrata uma cena familiar, porém ainda rara em nossa sociedade: uma mãe-pesquisadora e cientista ao lado de seus dois filhos. A mãe segura um livro, que pode ser interpretado como um membro adicional da família – uma espécie de terceiro filho ou filha, simbolizando as interações cotidianas dessa mãe cientista. A imagem reflete a vida acadêmica de uma mulher que, além de ter escolhido a ciência como profissão, também assume o papel de mãe de duas crianças, equilibrando as exigências de ambas as esferas.

Simbolizando a luta das mulheres na ciência, o desenho evidencia que ser mãe não limita a carreira feminina nesse campo. Contudo, a realidade ainda difere da representação, com mulheres enfrentando obstáculos para avançar na carreira científica e conciliar a maternidade. A escolha entre carreira e família, ou a renúncia à maternidade em prol da carreira, ainda são dilemas frequentes para as mulheres na ciência.

A "penalidade maternal", discutida por Faye J. Crosby *et al.* (2004), ilustra como as responsabilidades maternas podem impactar negativamente a trajetória profissional das mulheres, criando barreiras significativas para seu avanço na academia, por isso a imagem é um convite à reflexão sobre a representatividade feminina na ciência e sobre a necessidade de garantir que as mulheres possam simultaneamente ser mães e cientistas, sem comprometer nenhum desses papéis.

### **Debate nas Quintas Ciberfeministas**

Após a mediação da temática sobre a invisibilidade das mães cientistas, com a apresentação da poesia e das produções artísticas, iniciou-se um intenso debate no grupo Quintas Ciberfeministas. A roda de conversa trouxe à tona questões fundamentais sobre a necessidade de criar creches nas universidades, escolas de aplicação, espaços para amamentação, além de políticas públicas para apoiar as mães-pesquisadoras. Essas sugestões refletem um compromisso com a construção de uma rede de apoio que reconheça e valorize as experiências únicas das mulheres no ambiente acadêmico e científico.

**FIGURA 3:** Roda de Conversa do grupo Quintas Ciberfeministas



**Fonte:** Acervo do grupo Quintas Ciberfeministas.

O debate foi marcado por relatos e narrativas pessoais, destacando os dilemas e desafios enfrentados pelas acadêmicas-mães. O compartilhamento dessas vivências reforçou a importância de políticas que promovam verdadeira equidade no meio científico, evidenciando a necessidade urgente de um sistema que atenda às demandas dessas mulheres.

No contexto dessa discussão, a obra *Dororidade*, de Vilma Piedade (2017), fornece uma perspectiva essencial para aprofundar a compreensão das experiências das mães cientistas. A autora introduz o conceito de "dororidade", que se refere à dor compartilhada entre mulheres negras como base para a criação de solidariedade e resistência. Esse conceito, ao ser aplicado ao debate sobre a maternidade no ambiente acadêmico, amplia o entendimento sobre como as mulheres, ao reconhecerem suas dores e desafios, podem construir redes de empatia e apoio mútuo.

A dororidade, conforme descrita por Piedade (2017), emerge como uma estratégia de transformação da opressão e invisibilidade em resistência coletiva. Para as mães cientistas, isso significa que reconhecer e valorizar a experiência de equilibrar a maternidade e a carreira acadêmica pode fortalecer redes de apoio que desafiem as

normas vigentes e deem visibilidade às suas contribuições. Ao compartilhar essas dores comuns, pode-se fomentar um ambiente mais inclusivo e solidário, que reconheça e apoie essas mulheres em sua trajetória profissional e pessoal.

O debate que ocorreu nas Quintas Ciberfeministas pode ser visto como um exercício prático de dororidade. Ao trazer à tona as experiências e os desafios das mães-pesquisadoras, o grupo reflete sobre a invisibilidade dessas mulheres, e transforma essa dor em uma força coletiva de resistência e solidariedade.

Além disso, o debate corrobora as discussões de autoras como hooks (2015) e Butler (2008), que destacam a importância de reconhecer as estruturas de opressão, nesse caso, também dentro da academia e como elas afetam as mulheres, particularmente aquelas que desempenham múltiplos papéis, como o de mãe e pesquisadora.

Esse processo de reconhecimento e apoio entre as participantes ressignifica a experiência da maternidade na academia, rompendo com a lógica isoladora e opressiva que muitas vezes recai sobre as mães cientistas. A roda de conversa das Quintas Ciberfeministas, portanto, vai além de um simples espaço de debate: é uma prática ativa de dororidade, onde as dores individuais se convertem em uma luta coletiva por equidade e visibilidade. Dessa forma, o grupo constrói uma rede acolhedora e fortalece as mulheres, promovendo mudanças concretas no ambiente acadêmico e científico.

### **Considerações Finais**

Toda pauta feminista deve incluir a discussão sobre a maternidade, pois é de extrema relevância. O movimento #MaternidadeNoLattes, incentivado através de *hashtag* pelo projeto *Parent in Science*, mobilizou as redes sociais, consolidando um fator primordial para conquistar o direito de inserir a licença-maternidade na plataforma de currículo Lattes. Outras atuações do projeto em prol da sustentação da mãe na ciência foram mobilizadas e são questões políticas e sociais urgentes em nossa contemporaneidade.

Depreendemos que muito se avançou, entretanto, outras demandas são necessárias, como locais para amamentação, creches dentro das universidades e outras redes de apoio, dentre outras políticas necessárias à igualdade para as mães na ciência. Além disso, compreendemos que, embora essas políticas públicas sejam essenciais, elas

não são suficientes para promover uma mudança significativa. É fundamental também desconstruir o preconceito estrutural enraizado em nossa sociedade, o que requer um esforço contínuo para questionar e desafiar as normas e estereótipos de gênero, e construir uma cultura inclusiva que valorize plenamente o papel das mães na ciência.

Desconstruir estereótipos, que têm raízes em narrativas ancestrais, é uma tarefa que requer esforços significativos e revelam práticas que desobedecem às convenções tradicionais, resistindo às barreiras impostas pela maternidade e pelo imaginário social que reforça a dominação masculina.

Este estudo inspirou-nos a buscar uma participação ativa, como formas de desobediência, na desconstrução do imaginário social hegemônico sobre o lugar da mulher na sociedade, em especial na academia e na ciência.

Percebemos que o uso das tecnologias digitais, as redes sociais, a criação de *hashtags*, as transmissões ao vivo, os encontros de debates on-line, contribuem para disseminar o conhecimento e promover discussões de maneira ampla e acessível, alcançando um público diversificado e empoderando mulheres em todas as esferas sociais. Juntas podemos desenvolver ativismos mais inclusivos, igualitários e empoderadores para todas as mulheres, nos quais a maternidade e a ciência sejam vistas como facetas enriquecedoras da sua existência social.

## Referências

- ANTONIAZZI, Carolina Bernardini. *Maternidade: uma forma de opressão?* Cadernos de Ética e Filosofia Política, v. 39, n. 2, 2021.
- BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução Sérgio Millet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Trad. de Renato Aguiar. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CASTRO, Bárbara. CHAGURI, Mariana Miggiolaro. Gênero, tempos de trabalho e pandemia: por uma política científica feminista. *Linha mestra*, v. 14, n. 41a, p. 23-31, 2020.
- CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan./jul. 2002, pp.171-188. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100011&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 11 de agosto de 2024.
- D'ANGELO, Helô. Em novo livro, autora questiona noção de 'sororidade' dentro do feminismo. *Revista Cult*, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/>. Acesso em: 23 ago. 2024.

- EVANS, Luciane. Ser mãe no meio científico é resistência. *Cria para o mundo*. 2020. Disponível em: <https://www.criaparaomundo.com.br/post/ser-m%C3%A3e-no-meio-cient%C3%ADfico-%C3%A9-resist%C3%Aancia>. Acesso em: 08 set. 2024.
- FERNANDES, Tereza. Vidas Mulheres. In *Quintas Ciberfeministas*. Encontro cinco, Cuiabá, 2022.
- FERNANDES, Tereza. Tecnologias digitais, literatura infantil e multiletramentos na formação de professoras. *Revista Teias*, [S.l.], v. 21, n. 60, p. 61-74, fev. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/48626/32433>. Acesso em: 08 set. 2024. doi: <https://doi.org/10.12957/teias.2020.48626>.
- HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Organização de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*. n. 16, pp. 193-210, 2015.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Explosão Feminista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LICENÇA Maternidade pode ser registrada no currículo Lattes. *Instituto Aggeu Magalhães*, 2021. Disponível em: <https://www.cpqam.fiocruz.br/institucional/noticias/licenca-maternidade-pode-ser-registrada-no-curriculo-lattes>. Acesso em: 10 set. 2024.
- PARENT IN SCIENCE. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/>. Acesso em: 10 set. 2024.
- PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.
- RIBEIRO, Alessandra Santos. *Maternidade no Currículo Lattes: textualidades sobre gênero, carreira acadêmica e científica no Brasil, e a emergência do projeto Parent in Science*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), PPGCOM: Belo Horizonte, 2020.
- SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Teresina: EDUPFI, 2019.
- SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogos com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*. n. 16, p.137-150, 2001.
- TORRES, Ana Júlia Calegari *et al.* *O impacto da maternidade na progressão de carreira das mulheres: uma revisão abrangente de intervenções baseadas em evidências*, 2024.
- UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Edital de seleção para o Mestrado e Doutorado em Química - PQI. Edital nº 2/2024-2. Niterói: PPGQ-UFF, 2023. Disponível em: [https://ppgq-uff.com.br/wp-content/uploads/2023/11/Edital-de-selecao-para-o-Mestrado-e-Doutorado-PQI-UFF-PPGQ-UFF-no-2\\_2024-2.pdf](https://ppgq-uff.com.br/wp-content/uploads/2023/11/Edital-de-selecao-para-o-Mestrado-e-Doutorado-PQI-UFF-PPGQ-UFF-no-2_2024-2.pdf). Acesso em: 10 set. 2024.
- WILLIAMS, Joan C. The Maternal Wall. *Harvard Business Review*. v. 82, n. 10, p. 26-27, 2004.

Recebido em setembro de 2024.

Aprovado em dezembro de 2024.